

# Trocada

(Trilogia *trylle*, I)

Amanda Hocking

Traduzido do inglês por Elsa T. S. Vieira



## CAPÍTULO UM

# Em Casa

A baba correu para cima da secretária e abriu os olhos mesmo a tempo de ouvir o senhor Meade largar um manual em cima do tampo da mesa com estrondo. Só estava nesta escola há um mês, mas aprendera rapidamente que essa era a sua forma preferida de me acordar das minhas sesta durante a aula de História. Eu esforçava-me por ficar acordada, mas a sua voz monótona embalava-me sempre.

– Menina Everly? – chamou o senhor Meade. – Menina Everly?  
– Hã? – murmurei.

Levantei a cabeça e limpei discretamente a baba. Olhei em volta para ver se alguém tinha reparado. A maior parte da turma parecia ignorar-me, exceto Finn Holmes. Ele estava na escola há uma semana, pelo que era o único aluno mais recente do que eu. Sempre que olhava para ele, parecia estar a olhar para mim de forma descarada, como se fosse perfeitamente normal fitar-me fixamente.

Havia nele algo de estranhamente calmo e reservado, e eu ainda não o ouvira abrir a boca para dizer nada, embora tivesse quatro disciplinas comigo. Usava o cabelo penteado para trás e os olhos eram quase tão

negros como o cabelo. Era bastante atraente, mas eu achava-o demasiado estranho para o considerar bonito.

– Peço desculpa por perturbar o seu sono – disse o senhor Meade, pigarreando para eu olhar para ele.

– Não faz mal – respondi.

– Menina Everly, porque não vai ao gabinete do diretor? – sugeriu o senhor Meade, e eu gemi. – Já que parece ter o hábito de adormecer na minha aula, talvez ele possa dar-lhe alguma ideia para a ajudar a ficar acordada.

– Estou acordada – insisti.

– Menina Everly, já. – O senhor Meade apontou para a porta, como se eu me tivesse esquecido do caminho e precisasse de ser recordada.

Fitei-o fixamente e, apesar do ar severo nos seus olhos cinzentos, percebi que ele cederia facilmente. Repeti uma e outra vez na minha cabeça: *Não preciso de ir ao gabinete do diretor. Não quer realmente mandar-me lá. Deixe-me ficar na aula.* Poucos segundos depois, o rosto dele relaxou e os seus olhos ficaram vidrados.

– Pode ficar na sala até ao fim da aula – disse o senhor Meade, com voz hesitante. Abanou a cabeça e os seus olhos brilharam de novo. – Mas para a próxima não se escapa de ir imediatamente ao gabinete do diretor, menina Everly. – Pareceu confuso durante um instante e depois retomou a aula.

Eu não sabia bem o que estava a fazer exatamente – tentava não pensar muito nisso. Há cerca de um ano, descobrira que, se pensasse com força numa coisa e olhasse o suficiente para uma pessoa, conseguia que ela fizesse o que eu queria.

Por mais maravilhoso que isso possa parecer, eu evitava-o o mais possível. Em parte, porque achava que era doida por acreditar que conseguia realmente fazer uma coisa dessas, embora resultasse sempre. Mas, acima de tudo, porque não gostava. Fazia-me sentir suja e manipuladora.

O senhor Meade continuou a falar e eu acompanhei aplicadamente a aula, esforçando-me ainda mais por causa do sentimento de culpa.

Não queria ter-lhe feito aquilo, mas não podia ir ao gabinete do diretor. Ainda há pouco tempo fora expulsa da minha escola anterior, obrigando o meu irmão e a minha tia a desenraizarem novamente as suas vidas para nos mudarmos para um local mais perto da nova escola.

Quando a aula finalmente acabou, enfiar os livros na mochila e saí rapidamente. Não gostava de me demorar depois de ter usado o truque do controlo mental. O senhor Meade podia mudar de ideias e mandar-me ao diretor, por isso caminhei apressadamente na direção do meu cacifo.

Os cacifos amolgados estavam decorados com panfletos coloridos, que diziam a toda a gente para se juntar à equipa de debate, fazer audição para a peça da escola e não perder o baile de outono semiformal na próxima sexta-feira. Perguntei a mim própria o que seria «semiformal» numa escola pública, mas não me dei ao trabalho de perguntar a ninguém.

Abri o cacifo e comecei a trocar os livros. Sem sequer olhar, soube que Finn estava atrás de mim. Olhei por cima do ombro e vi-o a beber água no chafariz. Assim que olhei para ele, ele ergueu a cabeça e olhou para mim. Como se também conseguisse sentir-me.

O rapaz estava apenas a olhar para mim, nada mais, mas por algum motivo isso irritou-me. Já suportava aqueles olhares fixos há uma semana, tentando evitar um confronto, mas não aguentava mais. Era *ele* que estava a agir de forma inapropriada, não eu. Não podia arranjar problemas só por falar com ele, pois não?

– Eh! – disse-lhe, fechando o cacifo. Ajeitei as alças da minha mochila e atravessei o corredor até ele. – Porque estás a olhar para mim assim?

– Porque estás à minha frente – respondeu Finn, simplesmente. Olhou para mim com os olhos emoldurados por pestanas escuras, sem o mínimo indício de embaraço ou mesmo de negação. Era decididamente enervante.

– Estás *sempre* a olhar para mim – insisti. – É esquisito. Tu és esquisito.

– Estou a tentar integrar-me.

– Porque é que estás sempre a olhar para mim? – Eu sabia que estava a repetir a minha pergunta inicial, mas ele ainda não me dera uma resposta decente.

– Isso incomoda-te?

– Responde à minha pergunta. – Endireitei-me mais, tentando tornar a minha presença mais imponente para que ele não percebesse o quando me abalava.

– Toda a gente olha para ti – respondeu Finn, friamente. – És muito bonita.

Parecia um elogio, mas a sua voz ao dizê-lo era desprovida de emoção. Não percebi se estava a troçar de uma vaidade que eu nem sequer tinha, ou se estava apenas a declarar um facto. Estaria a elogiar-me ou a gozar comigo? Ou outra coisa qualquer?

– Ninguém olha para mim tanto como tu – disse, com toda a calma que consegui.

– Se te incomoda, posso tentar parar – ofereceu-se Finn.

Era complicado. Para lhe pedir que parasse, tinha de admitir que ele me afetava, e não queria admitir que alguma coisa me afetava. Se mentisse e dissesse que não me importava, ele continuaria a fazê-lo.

– Não te pedi que parasses, perguntei-te porquê – emendei.

– Já te disse porquê.

– Não disseste nada. – Abanei a cabeça. – Disseste apenas que toda a gente olha para mim. Não me explicaste porque é que *tu* olhas para mim.

Quase impercetivelmente, o canto da boca dele ergueu-se, revelando a sugestão de um sorriso. Não era que eu o divertisse; senti que ele estava satisfeito comigo. Como se me tivesse desafiado, de alguma forma, e eu tivesse superado o desafio.

O meu estômago deu uma volta estúpida que eu nunca sentira antes e engoli em seco, tentando controlar-me.

– Olho para ti porque não consigo desviar os olhos – respondeu ele, por fim.

A resposta deixou-me sem palavras. Tentei pensar numa réplica inteligente, mas a minha mente recusou-se a trabalhar. Percebi que estava de boca aberta e que devia parecer uma rapariguinha deslumbrada e recompus-me rapidamente.

– Isso é um bocadinho sinistro – disse-lhe, por fim, mas as palavras saíram mais fracas do que acusadoras.

– Então vou esforçar-me por ser menos sinistro – prometeu Finn.

Eu tinha-lhe chamado sinistro e isso não parecia perturbá-lo minimamente. Não gaguejou um pedido de desculpas nem corou de vergonha. Continuou a olhar para mim. O mais provável era que fosse um maldito sociopata e, não sei porquê, achei a ideia encantadora.

Não consegui encontrar uma resposta espirituosa, mas a campanha tocou, salvando-me do resto desta conversa embaraçosa. Finn limitou-se a acenar com a cabeça, pondo fim à troca de palavras, e virou-se para se dirigir à próxima aula. Felizmente, era uma das poucas que não tínhamos juntos.

Fiel à sua promessa, Finn não foi sinistro durante o resto do dia. Sempre que o via, estava a fazer algo inofensivo que não envolvia olhar para mim. Ainda tinha a sensação de que ele me observava quando eu estava de costas, mas não era nada que pudesse provar.

Quando a campanha final tocou, às três horas, tentei ser a primeira a sair. O meu irmão mais velho, Matt, ia sempre buscar-me à escola, pelo menos até encontrar emprego, e não queria fazê-lo esperar. Além disso, não queria ter mais contactos com Finn Holmes.

Dirigi-me rapidamente ao parque de estacionamento contíguo ao relvado da escola. Enquanto procurava o Prius de Matt, comecei a roer distraidamente a unha do polegar. Tive uma sensação estranha, quase como um arrepio na espinha. Virei-me, meio à espera de encontrar Finn a olhar para mim, mas não vi nada.

Tentei afastar a sensação, mas o meu coração começou a bater mais depressa. Isto era algo mais sinistro do que um rapaz da escola. Ainda

estava a olhar em volta, tentando perceber o que me assustara, quando uma buzina dela me fez dar um salto. Matt estava um pouco mais à frente, a olhar para mim por cima dos óculos de sol.

– Desculpa. – Abri a porta do carro e entrei. Matt ficou a olhar para mim. – O que foi?

– Pareces nervosa. Aconteceu alguma coisa? – perguntou Matt, e eu suspirei. Ele levava esta coisa do irmão mais velho muito a sério.

– Não, não aconteceu nada. A escola é uma seca – respondi. – Vamos para casa.

– Cinto de segurança – ordenou Matt, e eu obedeci.

Matt sempre fora calado e reservado, o tipo de pessoa que pensa muito bem em tudo antes de tomar uma decisão. Era muito diferente de mim em todos os aspetos, exceto no facto de sermos ambos relativamente baixos. Eu era pequena, com um rosto feminino e decididamente bonito. O meu cabelo era uma juba selvagem de caracóis que eu costumava prender num rabo-de-cavalo pouco apertado.

Ele tinha o cabelo loiro curto e bem penteado e os seus olhos eram azuis como os da nossa mãe. Matt não era exageradamente musculado, mas era sólido e atlético porque fazia muito exercício. Tinha uma grande noção de dever, como se achasse que tinha de ser suficientemente forte para nos defender de qualquer coisa.

– Como vai a escola? – perguntou.

– Boa. Fantástica. Espantosa.

– Achas que vais passar este ano? – Matt há muito que deixara de criticar as minhas notas. Grande parte dele nem sequer se ralava se eu terminaria o liceu ou não.

– Quem sabe? – Encolhi os ombros.

Os miúdos pareciam sempre antipatizar comigo, onde quer que fosse. Mesmo antes de eu dizer ou fazer alguma coisa. Sentia-me como se tivesse algo errado e toda a gente soubesse. Tentava dar-me bem com os meus colegas, mas só aguentava um certo nível de rejeição até começar a reagir. Os diretores e reitores eram rápidos a expulsar-me, provavelmente porque sentiam o mesmo que os meus colegas.



Eu, pura e simplesmente, não me enquadrava.

– Só para te avisar que a Maggie está a levar isto a sério – disse Matt. – Está decidida a que tu termines a escola este ano, neste liceu.

– Maravilhoso. – Suspirei. Matt estava-se borrifando para a minha educação, mas a minha tia Maggie era outra história. E, como ela era a minha guardiã legal, a sua opinião era a que tinha mais importância. – Qual é o plano dela?

– Está a pensar em impor uma hora de recolher obrigatório – informou-me Matt com um sorriso. Como se mandar-me para a cama mais cedo me impedisse de me meter em lutas.

– Tenho quase dezoito anos! – resmunguei. – O que é que ela está a pensar?

– Ainda te faltam quatro meses para fazeres dezoito anos – corrigiu-me Matt em tom cortante, e apertou as mãos sobre o volante. Ele estava convencido de que eu ia fugir assim que fizesse os dezoito anos e nada que eu dissesse o faria convencer-se do contrário.

– Como queiras. – Agitei a mão. – Disseste-lhe que ela é maluca?

– Calculei que bastava ouvi-lo de ti. – Matt sorriu-me.

– Então, encontraste algum trabalho? – perguntei, com alguma hesitação, e ele abanou a cabeça.

Matt terminara há pouco tempo um estágio de verão numa grande empresa de arquitetura. Dissera que não se importava de se mudar para uma cidade onde havia pouca procura para um jovem arquiteto promissor, mas eu não podia deixar de me sentir culpada por isso.

– É uma cidade bonita – disse, olhando pela janela.

Aproximámo-nos da nossa nova casa, perdida numa rua suburbana igual às outras, no meio de muitos áceres e ulmeiros. Na verdade parecia uma cidadezinha enfadonha, mas eu prometera que ia tentar o meu melhor. Queria mesmo fazê-lo. Não me parecia que aguentasse voltar a desiludir Matt.

– Então vais mesmo tentar aqui? – perguntou Matt, olhando para mim. Tínhamos estacionado ao lado do Victorian cor de manteiga que Maggie comprara o mês passado.

– Já estou a tentar – insisti, com um sorriso. – Tenho andado a falar com um rapaz chamado Finn. – Sim, falara com ele apenas uma vez e não o consideraria sequer remotamente um amigo, mas tinha de dizer alguma coisa a Matt.

– Olha para ti, a fazeres o teu primeiro amigo. – Matt desligou o carro e olhou para mim com ar divertido.

– Sim, e quantos amigos é que tu tens? – retorqui. Ele abanou a cabeça e saiu do carro. Segui-o rapidamente. – Bem me parecia.

– Já tive amigos. Fui a festas. Beije uma rapariga. Tudo o que é esperado – disse Matt, enquanto entrávamos em casa pela porta lateral.

– Dizes tu. – Descalcei-me assim que entrámos na cozinha, que ainda estava em várias fases de arrumação. Depois de nos termos mudado tantas vezes, estávamos todos fartos do processo e tínhamo-nos habituado a viver com as coisas em caixas. – Eu cá só vi uma des-sas alegadas raparigas.

– Sim, porque quando a trouxe cá a casa pegaste fogo ao vestido dela! No corpo! – Matt tirou os óculos de sol e lançou-me um olhar severo.

– Oh, vá lá. Sabes muito bem que isso foi um acidente.

– Dizes tu. – Matt abriu o frigorífico.

– Há aí alguma coisa boa? – perguntei, sentando-me em cima da ilha no meio da cozinha. – Estou esfomeada.

– Provavelmente nada do teu agrado. – Matt começou a remexer no conteúdo do frigorífico, mas tinha razão.

Eu era excepcionalmente esquisita com a comida. Embora nunca tivesse adotado propositadamente uma vida de vegan, parecia detestar a maioria das coisas que continham carne ou incluíam produtos sintéticos de fabrico humano. Era estranho e incrivelmente irritante para quem tentava alimentar-me.

Maggie apareceu à porta da cozinha, com salpicos de tinta nos caracóis loiros. As suas jardineiras velhas estavam cobertas de camadas de tinta colorida, prova de todas as salas que redecorara ao longo dos anos. Tinha as mãos nas ancas e Matt fechou o frigorífico para lhe dar toda a sua atenção.

– Pensava que te tinha dito para me avisares quando estivessem em casa – disse Maggie.

– Estamos em casa – respondeu Matt.

– Já vi. – Maggie revirou os olhos e virou-se para mim. – Como foi a escola?

– Boa – respondi. – Estou a esforçar-me mais.

– Já ouvimos isso antes. – Maggie lançou-me um olhar cansado.

Eu odiava quando ela olhava para mim assim. Odiava saber que a fazia sentir-se daquela maneira, que a desapontara tanto. Ela fizera tanto por mim e a única coisa que me pedia era que eu, pelo menos, me *esforçasse* na escola. Desta vez tinha de conseguir.

– Bom, sim... mas... – Olhei para Matt em busca de ajuda. – Quer dizer, desta vez prometi ao Matt. E estou a fazer um amigo.

– Tem andado a falar com um rapaz chamado Finn – disse Matt, confirmando a minha história.

– Um *rapaz*? – Maggie sorriu, de forma demasiado radiante para o meu gosto.

A ideia de Finn ser um potencial interesse romântico ainda não passara pela cabeça de Matt e, de súbito, ele ficou tenso e olhou para mim com uma nova expressão de escrutínio. Felizmente para ele, a ideia também não me passara pela cabeça.

– Não é nada disso. – Abanei a cabeça. – É só um rapaz. Não sei. Parece simpático.

– Simpático? – repetiu Maggie, entusiasmada. – Já é um começo! E muito melhor do que aquele anarquista com a tatuagem na cara.

– Não éramos amigos – corrigi-a. – Eu simplesmente roubei a mota dele. Com ele em cima, por acaso.

Ninguém acreditara naquela história, mas era verdade, e fora a primeira vez que eu me apercebera de que podia obrigar as pessoas a fazerem coisas só com o pensamento. Estava a pensar que queria muito a mota dele e depois olhei para ele e ele ouviu-me, embora eu não tivesse dito nada. E quando dei por mim estava a conduzir a mota.

– Então este vai mesmo ser um começo novo para nós? – Maggie não conseguia conter mais tempo o seu entusiasmo. Os olhos azuis encheram-se de lágrimas de felicidade. – Wendy, que maravilha! Podemos mesmo construir aqui o nosso lar!

Eu não estava nem por sombras tão entusiasmada como a minha tia, mas tive esperança de que ela tivesse razão. Seria bom sentir que tinha um lar, algures.